

JÓQUEI CLUBE DE GOIÁS: UM OLHAR SOBRE UMA CIDADE EM DESENVOLVIMENTO.

Eline Maria Moura Pereira Caixeta
elinecaixeta@yahoo.com.br

Raiane da Silva Dias
raianesd@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás - FAV/UFG

ISSN 2316-6479

Resumo

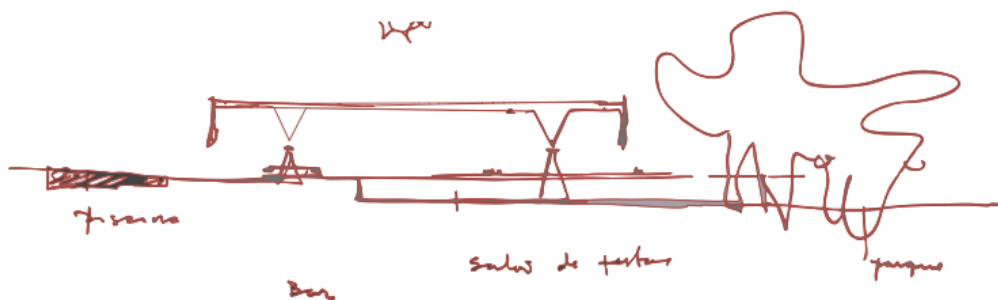
Goiânia viveu, na década de 1960, um de seus mais importantes ciclos de crescimento urbano. Influenciada diretamente pela proximidade com Brasília, recebeu então uma série de transformações estruturais que se refletiram de forma marcante na geografia da cidade, alavancadas por equipamentos urbanos com forte sentido de atratividade. A falta de investimentos e de modernização desses equipamentos contribuiu decisivamente para a sua obsolescência e desvalorização, gerando problemas de uso e manutenção. Neste contexto, está o edifício do Jockey Clube de Goiás, pertencente a um conjunto de obras referenciais da arquitetura moderna da cidade e importante vetor no desenvolvimento das relações sociais e esportivas da então jovem cidade. Esta investigação tem como objetivo entender a situação presente deste edifício através do ponto de vista de quem vive e viveu seus espaços.

Palavras-chave: Arquitetura moderna (GO). História da arquitetura e da cidade. Memória e cidade. Imaginário urbano.

Abstract

Goiânia lived in the 1960s, one of its most important cycles of urban growth. Directly influenced by the proximity to Brasília, received then a series of structural changes that were reflected markedly in the geography of the city, leveraged by urban equipments with a strong sense of attractiveness. The lack of investment and modernization of these equipments contributed decisively to its obsolescence and depreciation, creating problems of use and maintenance. In this context, is the building of the Jockey Club of Goiás, belonging to a set of reference works of modern architecture in the city and important driver in the development of social and sporting activities of the then young city. This research aims to understand the present situation of this building through the point of view of those who live and lived their spaces.

Keywords: Modern Architecture (GO); History of architecture and city; Memory and city; Urban imaginary.



Paulo Mendes da Rocha, projeto para a nova sede do Jockey Clube de Goiás, 1962. Fonte: (ARTIGAS, 2002)

1. Introdução

Projetada nos primeiros anos da década de 1960, quando Goiânia possuía apenas um quarto de século, a atual sede do Jockey Club de Goiás atuou como um marco na paisagem e na vida da cidade, que recebeu inegáveis ventos de renovação vindos da recém inaugurada Brasília, também situada no planalto central, a cerca de 200 km. A sede do “Jockey”, como passou a ser chamado pelos goianos, pertence a um conjunto de significativas obras referenciais da arquitetura moderna na capital de Goiás por possuir características particulares que geram novas relações entre o edificado e o urbano, criando novas espacialidades e reinterpretando o lugar moderno.

Fundado em 1935, antes mesmo da mudança definitiva da capital do Estado, o “Jockey”, então denominado Automóvel Clube de Goiânia, foi o primeiro clube da cidade. Local frequentado pela elite goiana, suas festas de carnaval e *réveillon*, bem como a convivência social nele disfrutada, são lembranças marcantes atestadas pelos pioneiros da cidade. (LIMA FILHO & MACHADO, 2007)



Figura 1: Antiga sede do Jockey Club de Goiás, Autor desconhecido.
Fonte: Arquivo do Jockey Club de Goiás, Goiânia, 2011.

A antiga sede do Jockey Club (1938) apresentava uma arquitetura eclética, com elementos formais oriundos tanto dos *chalets*, que caracterizavam a residência de lazer situada nos arrabaldes urbanos, quanto a arquitetura dos casarões coloniais, normalmente associados ao ambiente rural. (Figura 1) Em seu salão eram recebidas as maiores orquestras nacionais, incluindo a própria orquestra do clube, comandada pelo maestro Geraldo Amaral e outros grandes nomes da música. Entre 1947 e 1950, ele reestrutura-se com doações do Estado, ampliando suas atividades que inclui a prática de esportes, inclusive o hipismo. (ROCHA, 2009)

Com o surgimento de novos clubes na década de 1960, como o Clube de Regatas Jaó, o Country Clube de Goiás e o Jôquei Clube de Brasília, o casarão do “Jôquei” foi demolido, dando lugar à nova sede, mais atual e adequada às necessidades do público frequentador. Seu projeto, fruto de um concurso nacional em 1962, teve como vencedor o arquiteto capixaba Paulo Mendes da Rocha, ligado à arquitetura moderna paulista.

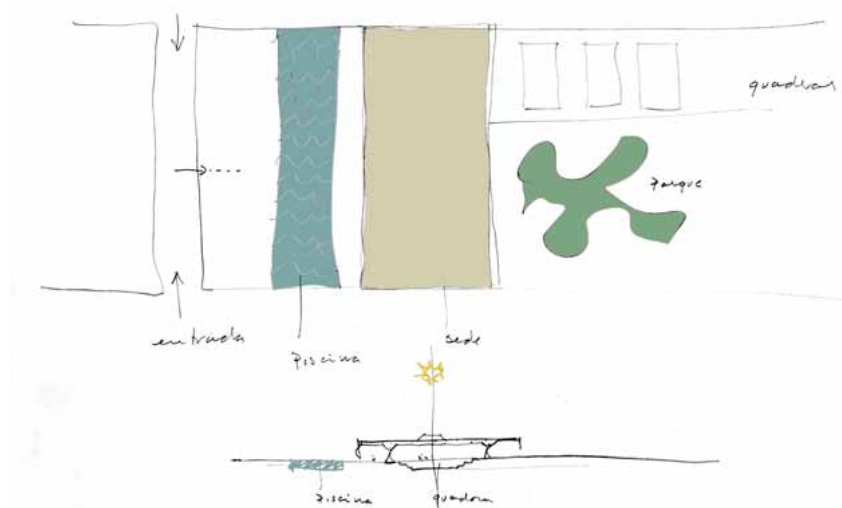


Figura 2: Paulo Mendes da Rocha, projeto para a nova sede do Jôquei Clube de Goiás, 1962.
Fonte: (ARTIGAS, 2000) Intervenções José Artur D. Frota

Localizado em um terreno relativamente compacto (22.000m²), no centro da cidade, o edifício possui 11.500m² de área construída. Comparado a outros clubes da mesma época, localizados em áreas mais periféricas, seu projeto possuía uma proposta diferenciada, atuando como clube de caráter eminentemente urbano. (Figura 2)

Uma de suas características marcantes é o diálogo que estabelece entre a área edificada e seu exterior através de uma grande cobertura, transversal as ruas que o cercam. O ingresso ao interior do edifício é realizado por uma espécie de túnel que dá lugar a uma rampa, cuja função é distribuir os usuários por suas diferentes áreas, conectando-os as áreas do bosque, das piscinas e das quadras de esportes. A área de piscinas, paradoxalmente tratada como uma praça seca e elevada em relação ao resto da área construída, é outro elemento que marca a arquitetura do projeto. (ARTIGAS, 2000)

Construída em vários níveis, a nova sede do clube buscou uma implantação no terreno que possibilitasse diversas relações de usos e fluxos, conectando e articulando, funcional e visualmente, seus diferentes ambientes por meio de rampas e escadas. (Figura 3) O partido adotado, baseado na fluidez de seus

espaços funcionais, permite ao usuário visualizar vários espaços ao mesmo tempo. Toda a estrutura do edifício, situada no seu perímetro de modo a liberar os espaços internos, é também utilizada com sentido plástico, seguindo a estética brutalista onde os elementos estruturais e construtivos compõem na forma do edifício em seu aspecto bruto.



Figura 3: Paulo Mendes da Rocha, projeto para a nova sede do Jôquei Clube de Goiás, 1962.
Fonte: (ARTIGAS, 2000)

Inaugurado em 1975, o Clube manteve intensa atividade ligada ao lazer e ao esporte até a década subsequente. Por diversos motivos, entre os quais as próprias mudanças de hábito da sociedade, no início dos anos 1990, ele entra em processo de decadência financeira; fato que contribuiu para a má conservação do edifício, durante as décadas de 1990 e 2000, e seu fechamento, em 2009.

Sem uso como clube e alugado para uma instituição de ensino, o edifício passa por uma série de adições, novos apêndices que alteraram substancialmente a lógica espacial do projeto. Parte de suas estruturas de concreto foram descaracterizadas por intervenções discutíveis, como adições metálicas circunstanciais, que acabaram mutilando a elegância de seu partido 'transverso'. A derrubada do bosque, para a construção de um estacionamento, pôs fim a idéia norteadora de Mendes da Rocha para o projeto, que era a integração da área das piscinas com o bosque. Em busca de maquiar o edifício, suas paredes, em concreto aparente, foram pintadas, ferindo completamente os princípios estéticos brutalistas de expressão construtiva da natureza dos materiais.

Abandonado e esquecido pela sociedade, o clube hoje funciona precariamente, em parte de suas instalações, enfrentando problemas jurídicos que embargam seu desenvolvimento e o controle do edifício para sua satisfatória recuperação.¹

1 Pela ação de alguns associados e antigos funcionários –munidos pelo sonho de reerguê-lo–, em 2010, o Clube foi reaberto para a sociedade.

Partindo das evidências históricas e da situação atual em que se encontra o edifício, esta pesquisa busca entender sua situação presente, através do ponto de vista de quem vive e viveu estes significativos ambientes da cidade. O depoimento dessas pessoas pode revelar fatores ainda não identificados, relacionados à percepção do edifício, a vivência de seus espaços e seu significado para a população, a partir das imagens mentais que remetem no imaginário individual e coletivo. Acredita-se que esses fatores poderão de algum modo, contribuir para pensar em novas intervenções no sentido de responder tanto às demandas contemporâneas de modernização, quanto ao significado urbano, arquitetônico e social destes espaços.

2. Metodologia

Para analisar a consciência individual e coletiva dos usuários deste edifício, utilizou-se como referencial teórico a metodologia proposta por Kevin Lynch para a leitura, compreensão e projeto das cidades.

Segundo Lynch (1982), a forma visual de uma cidade é um problema especial de design. Seu objetivo é elucidar como a consciência coletiva e individual cria imagens da forma da cidade para fazê-la legível. Estas formas são responsáveis não só pela legibilidade da cidade, mas também por sua imagiabilidade (capacidade de gerar uma imagem forte num dado observador); estrutura (relação estrutural ou espacial para com o observador e outros objetos) e identidade (individualidade ou particularidade) para com os usuários. Quanto mais ricas em formas que a tornam legíveis e legítimas, mais vínculos de identidade o usuário cria com a cidade. Estes vínculos, por sua vez, contribuem para a vigência e permanência de seus edifícios e espaços urbanos, uma vez que reforçam seu valor econômico e artístico, enquanto patrimônio edificado.

Para entender a forma como este edifício é apreciado e apreendido pela população e o significado que ele assume na memória coletiva, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas e questionários fechados, enfocando desenhos feitos pelos entrevistados, de modo a potencializar a interpretação de imagens mentais apresentadas.

A seleção dos sujeitos da pesquisa para a aplicação dos questionários fechados referentes ao Jóquei Clube foi realizada por meio de indicação de funcionários, sócios e ex-sócios conhecidos – segundo o procedimento conhecido como “bola de neve”, no qual um informante nos leva a outro (PEREIRO, 2006) – ; além de visitas ao clube, entrevistando seus atuais frequentadores. Já as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com pessoas que responderam aos questionários

e que tiveram uma relação mais intensa com seus espaços, podendo detalhar seus momentos de vivência e relatar sua percepção a respeito do edifício estudado. Ao serem contactados, os sujeitos foram informados sobre os procedimentos que envolvem sua participação na pesquisa de modo a subsidiar a livre participação.

Tanto para a realização dos questionários, quanto das entrevistas, procurou-se obter um grupo mais heterogêneo possível de entrevistados em relação ao perfil estabelecido (gênero, idade e escolaridade), para comparar as respostas e analisar possíveis semelhanças e diferenças. A aplicação dos questionários e das entrevistas foi acompanhada pela leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguindo as recomendações do Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás.

A elaboração, aplicação e análise dos questionários e entrevistas foram baseadas na teoria de Kevin Lynch, através da exposição de fotos e da aplicação do método do desenho para entender qual a importância dessas obras na memória dos entrevistados. As conclusões obtidas a partir da análise deste material servem para captar a consciência coletiva e individual em relação a esses edifícios e entender se o conceito de monumentalidade de Lynch se aplica a eles. Esse conceito define monumento como elemento significativo para a maioria da população de um local, sendo ele, necessariamente, um bem coletivo. O Jockey Club de Goiás foi construído como equipamento urbano de referência para a cidade, num período em que os espaços públicos buscavam esse caráter monumental. Esta análise avaliará até que ponto isso se concretizou.

O resgate de fotografias de usuários em diversos momentos da história do edifício foi importante para visualizar as situações vivenciadas no clube, comparar os relatos de pessoas que com ele conviveram em diferentes épocas e também entender a questão da memória e do significado deste edifício para a população.

4. Discussão dos resultados

O questionário sobre o Jockey Club de Goiás, aplicado em 22 usuários entre sócios e ex-sócios, teve como objetivo avaliar o tipo de relação que mantém com o clube, a importância da instituição para eles, a forma como o edifício é percebido e vivenciado pelos usuários, sua capacidade de gerar imagens.

Analisando o perfil dos entrevistados, a faixa etária com maior porcentagem está entre 41 e 50 anos. A maioria desses entrevistados viveram a época do auge do Clube, entre as décadas de 1970 e 1980, tendo uma maior percepção sobre as relações sociais existentes anteriormente. A frequência dos usuários no Clube durante este período é bastante alta, 50% dos entrevistados o frequenta-

vam de três a mais vezes por semana. O grau elevado de escolaridade confirma a perfil dos usuários do Jôquei Clube, que era de classe média alta e classe alta.

As festas que o clube realizava, entre carnavais, shows e eventos em geral, eram o motivo de maior frequência entre os entrevistados. As piscinas e os jogos, principalmente de basquete, também foram bastante citados como motivos para frequência entre os usuários. Entre as atividades formais, a que gerava maior frequência era a natação. O basquete era considerado o principal esporte do clube e, por isso, também apresentava uma grande frequência, principalmente masculina.

Um número significativo de usuários (82% dos entrevistados) identificam **ambientes marcantes** dentro do clube (Figura 4). Dentre os espaços citados destacam-se o salão de festas, as piscinas, o bosque e a quadra de esportes.

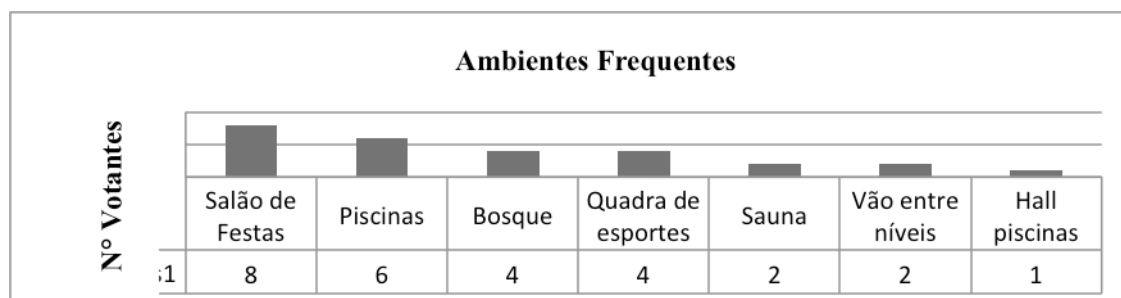


Figura 4: Gráfico quantitativo 'ambientes internos – Jôquei', questionários 2 Jôquei Clube. Fonte: Raiane S. Dias, 2011.

Para identificar com mais precisão as imagens mentais que os entrevistados possuem do clube, foram analisados 11 desenhos. Os ambientes mais retratados nos desenhos são a área das piscinas e o antigo Bosque.

Os desenhos a seguir representam o clube de duas diferentes maneiras: através de esquemas que definem a organização de seus espaços e através de imagens que retratam alguns ambientes específicos. O primeiro grupo de desenhos mostra um grau de **legibilidade** elevado da organização espacial do edifício (Figuras 5 e 6).

O primeiro desenho (Figura 5) traz uma representação geral do clube, com os espaços principais pontuados, tendo a rampa de circulação e a quadra de esportes coberta como elementos referenciais da organização do espaço e, portanto, como elementos que estabelecem uma relação estrutural ou espacial para com o observador e outros objetos. Já o segundo desenho (Figura 6) apresenta a área das piscinas de maneira mais detalhada, demonstrando uma maior identidade deste espaço para com o usuário.

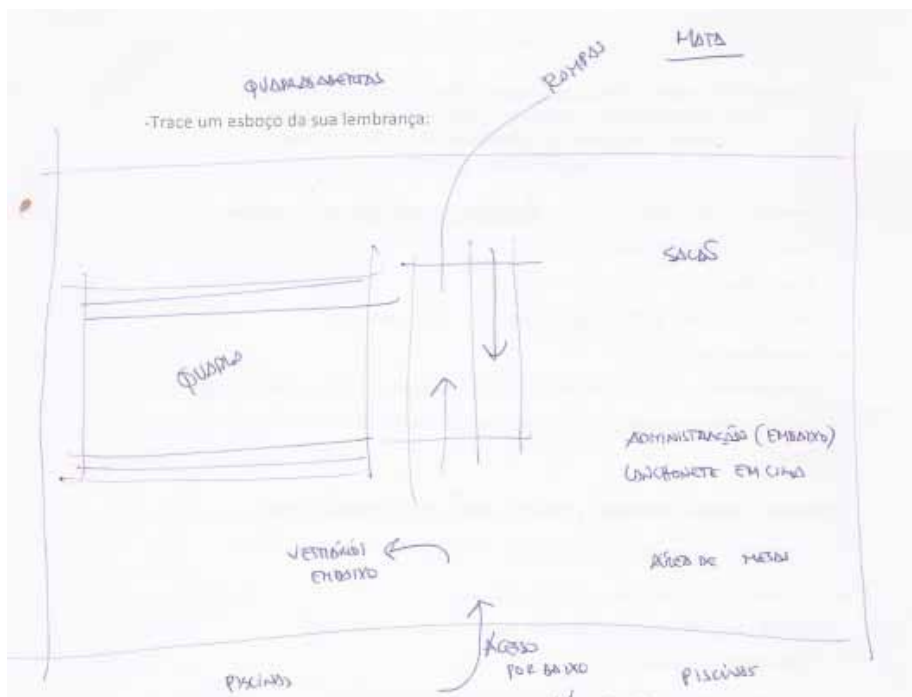


Figura 5: Adriana Mara V. de Oliveira, desenho de memória, questionários 2 Jóquei Clube.
 Fonte: Raiane S. Dias, 2011.



Figura 6: Elizabeth Ctenas, desenho de memória, questionários 2 Jóquei Clube.
 Fonte: Raiane S. Dias, 2011.

No segundo grupo de desenhos, a primeira (Figura 7) mostra uma imagem bem definida das piscinas, área aberta onde a entrevistada frequentava para as aulas de natação, em contraposição ao volume edificado do clube. Esta relação de contraste entre o “aberto” e o “fechado”, muito evidente no edifício, também é retratada nas outras imagens (Figuras 8 e 9). A primeira se refere ao Bosque, pos-

teriormente destruído e a segunda se refere à grande Cobertura, único elemento que define os limites entre o aberto e o fechado. Estas imagens demonstram também a relação de identidade dos usuários com a vegetação natural presente no Clube –preservada pelo arquiteto– e que, segundo as imagens mentais esboçadas pelos entrevistados, não se localizam apenas no Bosque, mas também no interior do edifício. A terceira imagem (Figura 10) apresenta duas árvores no interior do edifício, denotando a forte presença do bosque neste ambiente, devido à transparência propiciada pelo sistema de vedação utilizado. Esta última imagem também mostra, com clareza, os desníveis que marcam os limites entre os espaços, além da relação do entrevistado com o basquete, igualmente relatada na entrevista.

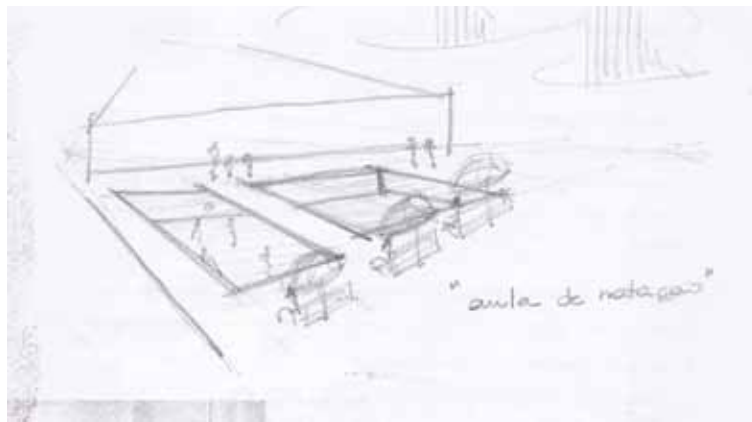


Figura 7: Liliana Vieira Nunes, desenho de memória, questionários 2 Jóquei Clube.
Fonte: Raiane S. Dias, 2011.

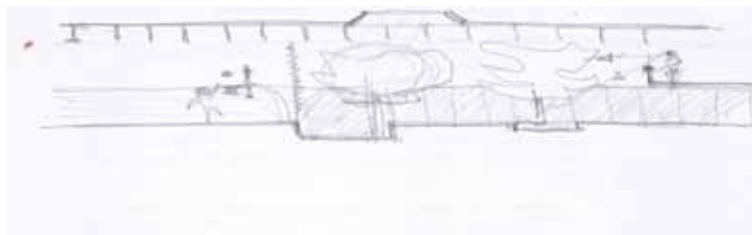


Figura 8: Azor Henrique de M. Ferro, desenho de memória, questionários 2 Jóquei Clube.
Fonte: Raiane S. Dias, 2011.



Figura 9: Desenho entrevistado(a) Tânia Junqueira, questionários 2 Jóquei Clube.
Fonte: Raiane S. Dias, 2011.

Praticamente todos os entrevistados frequentaram outros clubes, além do Jôquei. Com esse dado, é possível comparar melhor a situação do Clube em relação a outros estabelecimentos semelhantes. Segundo os entrevistados, os principais aspectos que destacam “Jôquei” em relação a outros clubes da cidade são: a localização (destacada por 18 dos entrevistados) e os espaços amplos/arquitetura (destacados por 7 dos entrevistados).

Em relação aos aspectos negativos lembrados, destacam-se alguns aspectos da infra-estrutura atual como o estacionamento reduzido, o atual acesso ao edifício (poluído visualmente), as atuais instalações dos banheiros e dos vestiários, a ausência de áreas verdes e a má administração. (Figura 10)

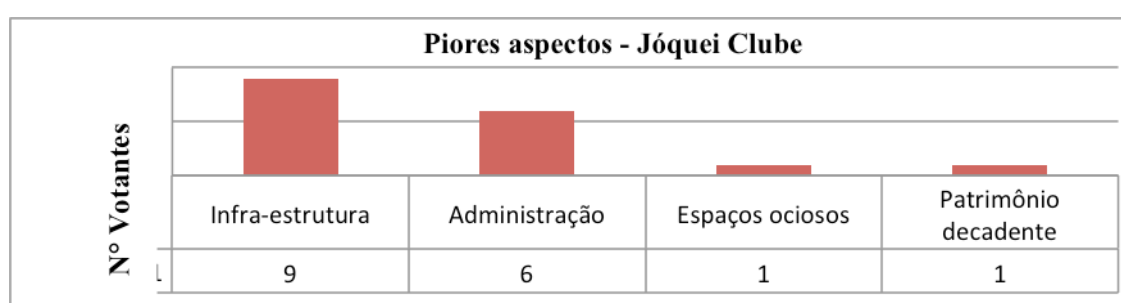


Figura 10: Gráfico quantitativo ‘piores aspectos – Jôquei’, questionários 2 Jôquei Clube.
Fonte: Raiane S. Dias, 2011.

A atual sede do clube, projetada nos anos 1960, agrada a 86% dos entrevistados e desagrada a 9% deles (5% não respondeu a questão). Um dos entrevistados criticou veementemente sua arquitetura, afirmando gostar mais da sede antiga, por ele frequentada entre 1952 e 1960.

Estas imagens e relatos demonstram o alto nível de **imagiabilidade e identidade** do edifício, por conseguir gerar imagens suficientemente fortes, marcadas pelas particularidades de seus ambientes que colaboram para estabelecer um grau satisfatório de identidade para com seus usuários.

As **entrevistas semiestruturadas** foram realizadas com 9 dos entrevistados que responderam aos questionários, o foco foi detalhar a vivência dos usuários nesses espaços. Nestas entrevistas buscou-se manter a mesma percentagem de gênero e de faixa etária dos usuários que participaram do questionário. O gráfico quantitativo de número de frequentadores por período, demonstra uma maior concentração de frequentadores também entre as décadas de 1980 e 1990.

O desenvolvimento destas entrevistas questiona os usuários, em detalhes, sobre sua relação com o clube, quais os ambientes marcantes, quais as lembranças mais significativas, se é importante ou não a preservação do edifício para a cidade, além de instigá-los a avaliar a arquitetura do local. Al-

guns relatos e fotografias retratam, de forma clara, o tipo de relação que estas pessoas mantinham com o clube.

(...) O Jóquei daquela época [1938 a 1962, período anterior à construção da nova sede] era chamado de 'aristocrático' e os sócios eram a nata da sociedade goianiense. A piscina – só tinha uma – possuía um trampolim bem alto, onde se exibiam os mais audaciosos. Com a demolição da antiga sede, da piscina, da quadra de tênis e da quadra polivalente, só restou o bosque. O Jóquei vendeu muitas ações e criou a categoria de sócio-remido, a fim de angariar recursos para a construção do novo clube, que se popularizou, sem, contudo, perder a qualidade de frequência. Quando o colégio de Aplicação ainda era apêndice da Faculdade de Educação e não tinha espaço para a prática da educação física, a UFG (Universidade Federal de Goiás) fez contrato com o Jóquei para a cessão do espaço para as aulas, o que durou alguns anos. (JORDÃO, 2011)

A citação acima revela a relação do entrevistado com a antiga e com a nova sede do Jóquei, primeiro como usuário e depois como profissional da área do esporte. Demonstra que anteriormente o Clube era ainda mais elitizado e que a sede construída nos anos 1960 possibilitou a ampliação do número de usuários, passando o Clube a ser um ponto para a prática de esportes de outras instituições. Entre os ambientes que o entrevistado destacou como principais estão as piscinas e o ginásio de esportes:

“O parque aquático, com uma piscina comprida, uma passarela suspensa no meio, foi palco de muitos desfiles (...) O ginásio poliesportivo, para a prática de basquete, voleibol, futsal e torneiros de judô e tênis de mesa, é acanhado, com pequenas arquibancadas somente nas laterais e abriga pequeno público. (...) (JORDÃO, 2011)

A citação seguinte resume a importância que teve o clube em diferentes momentos na vida da entrevistada e sua relação estreita com diferentes espaços. O clube, neste caso, parece ter tido o papel de uma 'extensão da casa', pela forma e intensidade como seus espaços foram disfrutados: “Eu frequentei o clube na minha adolescência com frequência muito grande (quase todos os dias). Depois que casei, passei a ir aos finais de semana. Cheguei a levar meus filhos comigo e costumávamos passar o dia lá.” (CTENAS, 2011) Entre suas lembranças, destaca-se o clube como um local bem frequentado –com muitos amigos em comum que também iam ao local–, além dos campeonatos esportivos que promovia com regularidade. Em relação aos ambientes mais marcantes, a entrevistada cita a entrada e as piscinas no piso superior:

“A piscina olímpica ficava á direita e a piscina para bebês, à frente. À esquerda ficava uma enorme piscina, dividida por uma ponte onde

gostávamos de mergulhar por de baixo, além de tomar sol. A entrada era imponente, com uma parte reservada aos troféus que o clube ganhava nos esportes. Uma enorme rampa levava às lanchonetes e piscinas.” (CTENAS, 2011)

Quanto à representatividade do Clube para a memória da cidade, todos os entrevistados foram unânimes em responder que sim, embora um deles alertasse para o fato do edifício não mais representar parte desta memória, devido a seu atual estado de descaracterização.

Quanto à necessidade de preservar sua atual sede como forma de ajudar a preservar a memória da instituição e da própria cidade; dentre os nove entrevistados, sete responderam que sim e dois responderam que não. Um dos entrevistados do primeiro grupo afirma, inclusive, que o Clube seria “mais que um patrimônio” para a cidade (OLIVEIRA, 2011). Outro, por sua vez, complexificou a questão da preservação do edifício, na medida em que estaria, segundo ele, na “esteira” do processo de desvalorização e degradação do próprio Centro da cidade (ARAÚJO FILHO, 2011). Dos entrevistados que discordaram que preservação do edifício ajudaria a preservar a memória da cidade, um deles considerou que, “por seu aspecto físico”, sua preservação em nada ajudaria a preservar a memória do clube ou da própria cidade (HUMBOLDT, 2011); o outro, por sua vez, afirmou que o simples fato de preservar apenas o edifício não seria suficiente para a preservação da memória da cidade, criticando a “patrimolialização das cidades” por muitas vezes estar “desprovida de significado para as pessoas”. (FERRO, 2011)

Considerações Finais

Para Halbwachs, as imagens espaciais desempenham importante papel na memória coletiva, não havendo “memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial”. Em sua interpretação, “quando o grupo está inserido numa parte do espaço, ele o transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem”. (HALBWACHS 2004 apud: LIMA FILHO & MACHADO, 2007, p.165)

Apesar do Jóquei Clube de Goiás ter sido um ponto de referência do esporte e lazer para a cidade e hoje já não ter a mesma importância, seus antigos usuários mantêm uma forte relação afetiva para com o Clube pelo fato de terem lembranças singulares de seus espaços e das situações neles vividas. As imagens mentais que persistem são aquelas moldadas a partir de suas experiências e estão impregnadas de significado. Elas possuem um sentido muito próprio, com pontos em comum, relacionados à vivência de um grupo de pessoas que compartilha a mesma memória espacial destes espaços.

Referências:

ARAÚJO FILHO, José Crusciano de. [março 2011]. **Entrevista concedida a Raiane da Silva Dias**. Goiânia, 2011. 1 Arquivo impresso: entrevista 'semi-estruturada' Jóquei Clube de Goiás.

ARTIGAS, Rosa (org.). **Paulo Mendes da Rocha**- vol. 1. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

CTENAS, Elizabeth. [abril 2011]. **Entrevista concedida a Raiane da Silva Dias**. Goiânia, 2011. 2 Arquivo impresso: entrevista 'semi-estruturada' Jóquei Clube de Goiás.

FERRO, Azor H. De Mendonça. [maio 2011] **Entrevista concedida a Raiane da Silva Dias**. Goiânia, 2011. 2 Arquivo impresso: entrevista 'semi-estruturada' Jóquei Clube de Goiás.

JORDÃO, Humbold. [abril 2011]. **Entrevista concedida a Raiane da Silva Dias**. Goiânia, 2011. 1 Arquivo impresso: entrevista 'semi-estruturada' Jóquei Clube de Goiás.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (org.) **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial/ Ed. UCG, 2007.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

OLIVEIRA, Nilza Divina de. [fevereiro 2011]. **Entrevista concedida a Raiane da Silva Dias**. Goiânia, 2011. 1 Arquivo impresso: entrevista 'semi-estruturada' Jóquei Clube de Goiás.

PEREIRO, Xerardo. **Metodologia da Investigação Antropológica**. Disponível em: Home.utad.pt/~xperex/.../TEMA_5_ANTROPOLOGIA_CULTURAL_2006_20... Acessado em 15/12/2011.

ROCHA, Hélio. **Goiânia 75**. Goiânia: Ed. da PUC-GO, 2009.

Minicurrículos

Eline Maria Moura Pereira Caixeta é arquiteta (PUC-GO), Dr^a em História da Arquitetura e da Cidade (ETSAB-UPC), Prof^a da Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais/ Curso de Arquitetura e Urbanismo/ Programa de Pós-Graduação Projeto e Cidade/ Núcleo de Pesquisa INOVE: Pesquisa e Inovação em Arquitetura, Urbanismo e Design – FAV/CAU/PPG Projeto e Cidade/INOVE/UFG

Raiane da Silva Dias é aluna de Graduação da Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais/ Curso de Arquitetura e Urbanismo/ Programa PIVIC (CNPq) – FAV/CAU/ UFG